

Cláudio do Vale: um veterano em plena forma popular

Por Simone Carleto¹

Tarde quente em São José dos Campos. A programação do Festivale de 1º de setembro estaria repleta de atividades. O performer *Fe Vas* paramentava-se para sua intervenção pelo centro da cidade, enquanto Cláudio do Vale e os talentosos músicos Denilson de Paula, Eliomar Landim e Gileno Borges preparavam-se para a apresentação na Praça Afonso Pena. Eles formam um trio de forró com sanfona, triângulo e zabumba, para contar e cantar a história de Luiz Gonzaga do Nascimento. Nascido em Exu, Pernambuco, em 1912, Luiz Gonzaga consagrou-se como um dos principais artistas-músicos que retrataram a realidade e a cultura brasileiras, propagando nossas raízes pelo país e o mundo. Gonzagão, como ficou também conhecido, faleceu em 1989, em Recife, deixando porém vasta obra e muitas influências, motivo pelo qual é constantemente tema e conteúdo de obras artísticas que o relembram e o homenageiam, bem como continuam seu legado. Nessa mesma linha de pensamento, o “contador-cantador” Cláudio do Vale, que é autor, diretor e ator de *Sertania Nordestina - As léguas tiranas de Luiz ‘Lua’ Gonzaga*, juntou os nomes do disco *Luiz Lua Gonzaga*, de 1961; com o do sucesso musical *Légua Tirana*, de 1949; compondo a narrativa dessa imensa e significativa trajetória do chamado Rei do Baião. Além do baião, Luiz Gonzaga também contribuiu para a difusão de ritmos como a quadrilha, xote, xaxado, entre outros ligados ao forró, como o pé-de-serra e arrasta-pé.

Assim, imbuído desse espírito dos encontros populares, Cláudio do Vale narra e representa Luiz Gonzaga, dançando e cantando, além de contracenar com o público. Este, do início ao fim, foi agregando-se ao ambiente da representação, embora seja possível assistir a partes do espetáculo, que seu sentido de

¹ Crítica do 33º Festivale. Crítica do 33º Festivale. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.

partilha e celebração é mantido, dada sua forma passar em revista momentos e canções do renomado sanfoneiro, cantor e compositor. A injustiça e a pobreza nordestina são trazidas à tona com profundo respeito e reverência aos ancestrais da cultura brasileira, revelando a abordagem poética cuidadosa do artista com esse material.

Uma dica que provavelmente lançaria foco às evidentes habilidades do intérprete, seria adotar um microfone preso ao corpo, para evitar que a gestualidade livre seja prejudicada. Uma ótima e funcional sacada é a utilização do tapete em formato de chapéu nordestino, que se transforma e capa quando do “coroamento”, no sentido de reconhecimento, de Luiz Gonzaga. Já a “costura” dos momentos de transição entre a narração e a interpretação de Claudio como Gonzaga, apresenta-se de modo mais harmônico em alguns momentos, porém nada que comprometa a beleza desse ator em cena. Seu ponto culminante localiza-se na lindíssima passagem na qual vive o reencontro de Luiz com seu pai Januário: um momento de raro encanto que se eterniza na memória.

¹ Crítica do 33º Festivale. Crítica do 33º Festivale. Artista pedagoga (atuação e direção), mestre e doutora em Artes Cênicas pelo Instituto de Artes da Unesp. Atriz, assessora de diversos grupos teatrais e autora de ensaios e artigos nas áreas de pedagogia, crítica e interpretação teatral.